

LUGARES LIMINARES: A INFLUÊNCIA DOS ESPAÇOS DE PUBLICAÇÃO ALTERNATIVOS NA CRIAÇÃO DE UM ZINE

CÁSSIO LEAL MORAES¹;
HELENE GOMES SACCO²

¹UFPEL – Centro de Artes – cassiolmoraes@gmail.com

²UFPEL – Centro de Artes – sacco.h@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho visa desenvolver e analisar o processo de criação e publicação de um zine independente sob a luz da influência que seus espaços de circulação exercem sobre a poética, a estética e os temas. O trabalho abordado é o zine “Hitkatur”, publicado por mim em 2025, exposto e vendido pela primeira vez durante a terceira edição da feira Dobra o Ruído, um evento destinado às publicações artísticas. O evento foi organizado pelo projeto unificado Lugares-Livro: dimensões poéticas e materiais, do Centro de Artes da Ufpel, do qual eu sou integrante.

O zine (abreviação de “fanzine”, que por sua vez é a contração do termo *fanatic magazine*, ou revista de fã) pode ser definido como “um veículo de divulgação alternativo e independente, geralmente produzido em pequenas tiragens e distribuído para um público segmentado.” (RODRIGUES, 2020, p.8). É uma mídia experimental, de circulação rápida, portanto o meio ideal para o ambiente das feiras de publicações artísticas (RODRIGUES, 2020). Neste contexto das feiras, é possível observar o embate com o sistema institucionalizado das artes visuais, que reforça o caráter experimental e do “faça você mesmo” (FERRARI, 2023).

Foi com este espaço em mente e com a feira Dobra o Ruído no horizonte que iniciei a produção do zine “Hitkatur”. O título significa “inverno” numa linguagem fictícia, criada exclusivamente para este cenário. A publicação apresenta um mundo imaginário castigado por um inverno vulcânico, inspirado em trabalhos de fantasia e ficção científica.

O interesse principal foi pelo lugar fronteiro - liminar - no qual tanto o formato zine, como a própria feira de publicações artísticas, que pode se encontrar no campo das artes visuais, situada entre outras artes como as editoriais e gráficas: enquanto suporte, enquanto espaço de trocas, enquanto processo.

2. METODOLOGIA

A análise foi feita com uma abordagem de pesquisa *em artes* (REY, 1996), segundo a metodologia de pesquisa em Poéticas Visuais. Sendo assim, a produção do zine “Hitkatur” é pensada a partir de seu processo de criação, onde um diálogo é estabelecido entre teoria e prática, notando no fazer as rupturas e continuidades, fechamentos e aberturas de relações referenciais com autores e artistas.

Utilizei como apoio bibliográfico a literatura disponível acerca do formato zine e das feiras de publicação independentes. Relatos acerca da influência destes espaços na produção dos zines, foram consultados e aproximados com a minha

experiência com o trabalho, observando os processos, as semelhanças e diferenças.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

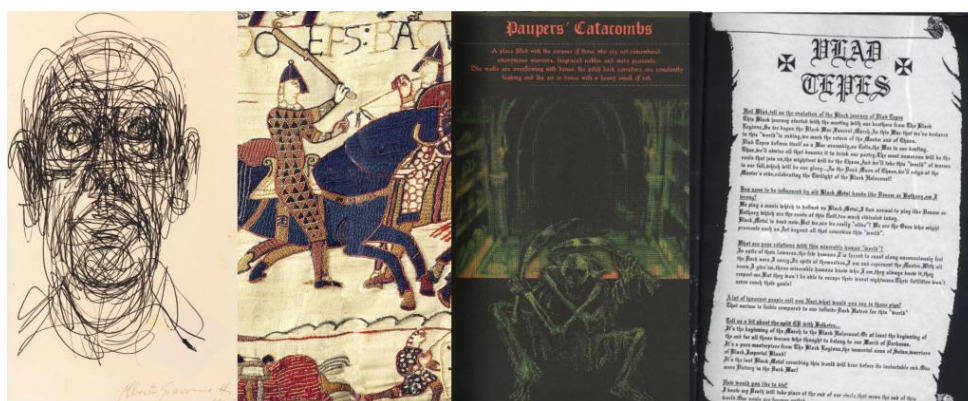
O zine “Hitkatur” nasceu e se desenvolveu a partir de um horizonte de liberdade de escolha e controle sobre todo o processo de publicação. Apropriei-me do formato zine para expressar o caráter artesanal e aberto do conceito proposto. O texto articulou uma ligação entre a poesia e a prosa, e não houve uma preocupação especial com a clareza, mas sim com a criação de uma atmosfera.



Capa e páginas 3 e 15, respectivamente, do zine Hitkatur #1.

“Hitkatur” foi concebido inicialmente através de seu texto, onde criei um roteiro para as páginas e conceitos para os desenhos. Nesta etapa, o livro Vermis I (Hollow Press, 2023), por Michele Nitri e Plastiboo, forneceu ideias de como unir texto e imagem a fim de criar uma identidade visual distinta, porém atrelada ao tema fantástico.

Os desenhos foram realizados com grafite e caneta esferográfica sobre papel, explorando referências fotográficas e obras de arte. Utilizei também processos de exploração da linha que venho desenvolvendo na graduação em Artes Visuais, inspirados nos desenhos de Alberto Giacometti. A capa e a ilustração da página 8 foram desenhadas a partir da Tapeçaria de Bayeux, do século XI. Vale também destacar a apropriação de elementos visuais encontrados no zine The Black Plague (1995), uma publicação anônima destinada a divulgar a cena *underground* de heavy metal da França nos anos 90.



Da esquerda para a direita: Cabeça de homem por Alberto Giacometti (1966; disponível em <https://www.mutualart.com>), Tapeçaria de Bayeux (séc XI; disponível em <https://upload.wikimedia.org>), Vermis I (2023) e The Black Plague (1995).

Os desenhos foram digitalizados e editados com ajuda do software Inkscape. O texto foi adicionado também por meios digitais. A impressão do zine foi uma impressão comum, em preto e branco, de dez exemplares, manualmente grampeada. Houve também a publicação de uma versão digital (*e-zine*) do trabalho através da plataforma de publicações digitais Kindle Direct Publishing. Todo o processo refletiu a necessidade do menor tempo e espaço entre a concepção da publicação e sua exposição.

Quanto à distribuição e venda, os exemplares foram dispostos numa das mesas dedicadas aos expositores na terceira edição da feira “Dobra o Ruído”, que ocorreu dia 30 de maio de 2025, no Centro de Artes da Ufpel, ao lado de outros trabalhos gráficos de minha autoria. O preço estabelecido para os exemplares foi decidido com a finalidade de custear a produção do trabalho, sem margem de lucro pretendida, dado o seu caráter experimental e inaugural.

O zine é um parente próximo das revistas de histórias em quadrinhos, e, em muitos casos, vale-se de sua linguagem, moldada a partir de publicações de alta circulação. Além disso, há uma referência à coletividade e ao espírito comunitário presente na estética e no *ethos* do publicador. A experiência da produção de “Hitkatur”, por outro lado, priorizou uma experiência introspectiva de criação de conteúdo, alinhando-se com outros trabalhos no gênero de fantasia.

O processo de produção do zine é artesanal, tanto por uma razão estética como pelo baixo orçamento. Esta é tanto uma limitação como uma libertação, pois dá controle ao artista sobre o processo inteiro (RODRIGUES, 2020). Este aspecto configura-se não só em processo, mas em poética, onde o *underground* ganha vida enquanto identidade visual e estética. Desde a concepção, o próprio termo “zine” evoca uma visualidade determinada. Em relação ao trabalho analisado, o baixo orçamento constituiu-se em disparador para a visualidade: é antes um veiculador de uma certa sensibilidade estética do que um limitador.

O público-alvo reduzido apresenta-se como um obstáculo para os artistas publicadores (RODRIGUES 2020). Este “preço” a ser pago pelo publicador independente em troca de sua liberdade reflete o caráter marginal destes espaços, e, consequentemente, do trabalho ali exposto. A feira Dobra o Ruído contou com o apoio da instituição universitária em sua realização. Este vínculo atraiu um público alvo ligado à academia. Porém, o edital da feira inclui artistas publicadores sem vínculos com a universidade, mas que atuam na cena artística da região, tornando-a efetivamente um espaço liminar, abrindo canais de diálogo para além do institucional.

Ainda que a revolução digital tenha engordado o mercado independente, há ainda a necessidade, tanto de publicadores como de consumidores, de se pautarem em instâncias legitimadoras como forma de validar o trabalho, e, consequentemente, conformá-lo às relações de poder presentes em tais instâncias. Esta situação, porém, não teve efeito significativo nas escolhas poéticas do zine “Hitkatur”. Pelo contrário: valendo-se do acesso ao público universitário, explorei caminhos que não levam em conta a adequação a um determinado leitor. O vínculo institucional motivou uma liberdade ainda maior nos processos, enquanto a origem diversa dos expositores da feira contribuiu para canais de diálogo que podem vir a inspirar caminhos também diversos em publicações futuras.

4. CONCLUSÕES

Em muitos sentidos, o zine “Hitkatur” seguiu o caminho esperado para uma publicação independente, e sua poética manteve-se próxima do esperado para o formato escolhido. Porém, uma dupla influência exerceu-se em sua realização que o distanciaram do lugar-comum do zine: a feira Dobra o Ruído, que, apesar de ser um espaço para artistas publicadores independentes, está atrelada a uma instância legitimadora: a universidade. Isto proporciona a estrutura para jovens artistas testarem seus trabalhos, bem como a facilidade de fazer parte dessa cena e seu nicho de produção e circulação, ao acessar o público frequentador que pode se aproximar dos artistas, conhecer o trabalho, conversar e se sentir parte da feira.

Utilizo o espaço disponível para retornar a uma temática presente nos fundamentos do formato-zine: o nicho, o interesse profundo, porém estreito, por uma temática que passa ao largo dos grandes números. Tal recorte inspira futuros trabalhos e, quem sabe, uma continuação da série “Hitkatur”.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSUMPÇÃO, D. J. F.; PINA, E. M.; JUNIOR, J. C. P. S.. Fanzine como mídia alternativa: uma análise do cenário belemense. **Alterjor**, São Paulo, v.4, n.2, p. 1 - 19, 2011.

FERRARI, M.. A produção contemporânea de arte impressa. **Vinco - revista de estudos de edição**, Belo Horizonte, v.3, n.1, p. 23 - 44, 2023.

NITRI, M.; PLASTIBOO. **Vermis I**. Foggia: Hollow Press, 2023.

REY, S.. Da prática à teoria: três instâncias metodológicas sobre a pesquisa em Poéticas Visuais. **Porto Arte**, Porto Alegre, v.7, n.13, p. 81 - 95, 1996.

RODRIGUES, R.. **Autopublicação**. Canoas: Experimentos Impressos, 2020.

SOUSA, D.E.K.. **Zine, arte, resistência e ações pedagógicas**. João Pessoa: Marca de Fantasia, 2022.